

**Utopia, relato de viagem e sátira em *L'isle des hermaphrodites*
(Paris, 1605)**

Ana Cláudia Romano Ribeiro¹

U-TOPOS-UNICAMP

UNINCOR

Brasil

Resumo: O presente artigo apresenta *L'isle des hermaphrodites*, libelo publicado anonimamente em Paris, em 1605, e discute os gêneros aos quais essa obra pertence: utopia, relato de viagem (imaginária) e sátira. A predominância da sátira sobre os outros gêneros é o ponto de partida para o exame das referências a Petrônio em *L'isle des hermaphrodites*, especialmente ao episódio do banquete de Trimalquião, do *Satíricon*, percebendo a reutilização do tema da dissimulação associado à figura do hermafrodita como alegoria.

Palavras-Chave: Utopia, relato de viagem, sátira, século XVII, Petrônio.

Abstract: This article presents *L'isle des hermaphrodites*, published anonymously in 1605, in Paris, and discusses the genres to which this novel belongs: utopia, (imaginary) travel account and satire. The predominance of satire over the other genres is the starting point to examining the references to Petrone in this book, especially to the Trimalchio's feast, from *Satyricon*, realizing the reuse of the theme of dissimulation linked to the figure of hermaphrodite as allegory.

Key-Words: Utopia, travel account, satire, Seventeenth century, Petrone.

¹ Ana Cláudia Romano Ribeiro doutorou-se em Teoria e História Literária pela UNICAMP, onde é membro pesquisador do Centro de Pesquisa sobre Utopia (U-TOPOS). Desenvolve atividades de docência e pesquisa no Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). Coedita a revista *Morus – Utopia e Renascimento* e é autora da tradução, introdução e notas de *A terra austral conhecida* (Genebra, 1676), de Gabriel de Foigny (Campinas: Editora da UNICAMP, 2011). Atualmente, prepara uma edição traduzida e comentada de *L'isle des hermaphrodites* e da *Utopia*, de Thomas More. E-mail: anaclaudiarr@hotmail.com.

1. Utopia e relato de viagem

L'isle des hermaphrodites nouvellement decouverte, avec les moeurs, loix, coutume et ordonnances des habitans d'icelle (ou simplesmente *Les hermaphrodites*, título da gravura com a qual a obra se inicia), libreto publicado em 1605, em Paris, anonimamente, sem menção ao local de publicação, editor ou data, em formato in-12, é uma utopia, um relato de viagem e uma sátira.

Trata-se de uma obra em sua maior parte narrativa, com intenção descritiva, conforme anuncia o título. A *fábula*² do livro segue o modelo narrativo das fábulas utópicas, que apresentam, essencialmente, uma viagem, um naufrágio nas costas de um país utópico, a estadia neste lugar ideal, o retorno e o testemunho da alteridade³. Um francês, “Gentilhomme voyageur” (a quem chamaremos de narrador-viajante), decide partir para escapar às guerras civis de seu país (1605, p. 224). Cansado de vogar, toma uma embarcação para retornar à sua pátria. No caminho, porém, a embarcação naufraga. O protagonista, um companheiro e o piloto conseguem se salvar graças a um esquife, que os leva à terra firme. Juntos, dão graças “au conservateur de toutes creatures” por terem se salvado (“les genoux flechis en terre et les yeux levez vers le ciel, nostre ame eut châté nouveaux Cantiques et actiões de graces au conservateur de toutes creatures”). Pouco tempo depois, porém, se dão conta de que estavam sobre uma ilha flutuante, que “erroit vagabonde sur ce grand Ocean sans aucune stabilité” (1605, p. 6). Superando o medo, eles decidem explorar este “vaisseau terrestre”, “si fertile et florissant” (1605, p. 7), não sem antes alimentarem-se com os víveres que o piloto conseguira recolher. Enquanto o viajante e seu companheiro partem à descoberta do palácio real, o piloto dirige-se aos lugares habitados da ilha. Na entrada do palácio, o viajante se separa de seu companheiro e parte à descoberta, vagando pelo palácio, de seus cômodos, dos cortesãos hermafroditas, também chamados de “demy-femmes”, “Syresdones”, “Seigneurs & Dames” (1605, p. 24, 26, 148, 163), suas leis e costumes (“Extraict des loix, statuts,

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

² Cf. o conceito elaborado pelos formalistas russos, que distinguem *fábula* (os acontecimentos “vivididos”, em ordem cronológica) de *trama* (reelaboração literária dos acontecimentos vivididos, sem compromisso com a ordem cronológica).

³ Sobre a circularidade das fábulas utópicas, ver Fortunati, 1993; Minerva, 1995 e 2003.

coutumes et ordonnances des Hermaphrodites”) e três escritos heréticos (do ponto de vista dos hermafroditas): um poema em versos “Contre les hermaphrodites” e dois discursos finais, “Du souverain bien de l’homme” e “Que l’âme de l’homme doit avoir le soing des choses corporelles”.

Assim que o protagonista retorna ao seu país, recebe a visita de amigos e familiares, dos quais satisfaz a curiosidade sobre os acontecimentos vividos durante seu périplo e “des raretez, loix & façons de vivre qu’il avoit veuës & remarquées parmy une si grande diversité de nations” (1605, p. 4). Mas logo, não desejando prosseguir discorrendo sobre “nations dont les nouvelles semblent desja triviales”, focaliza seu discurso em uma ilha curiosa, povoada “d’un peuple dont peut estre vous n’avez encore jamais ouy parler” (1605, p. 4), a ilha dos hermafroditas. Ele descreve o palácio e seus habitantes, lê as leis que regem a ilha e os textos heréticos acima citados.

Um dos amigos, não identificado, que escutara o relato do viajante, decide transcrevê-lo (a ele chamaremos de narrador-editor). Escreve, então, uma espécie de moldura narrativa que enquadra o relato da descoberta da ilha dos hermafroditas, composta de uma breve introdução, intervenções discretas entre as principais partes do relato e de uma breve conclusão, na qual o leitor toma ciência de que o relato ainda não terminou: o viajante propõe uma pausa antes de recomeçar, no dia seguinte, a narrar “tant de nouveautez” (1605, p. 235).

Cabe assinalar uma assimetria narrativa: os personagens do piloto e do companheiro do viajante estão presentes apenas no início da trama. O fato de o piloto ter ido visitar os lugares habitados da ilha, enquanto o francês e seu companheiro rumaram em direção ao palácio, sugere que talvez o autor de *L’isle des hermaphrodites* tenha considerado a possibilidade de acrescentar ao texto a descrição dos lugares habitados (uma “cidade ideal”?), além da descrição do palácio, o que corresponderia à representação bipartida “cour-ville”, que encontramos em obras do século XVI e XVII⁴. Isso explicaria a presença do personagem piloto, que parece em nada contribuir para a economia narrativa do livro. As aparições do companheiro do narrador-viajante são ainda menos importantes, como vimos. Ele se despede do

⁴ “Etudiez la cour et connaissez la ville”: o conselho é dado por Boileau e sintetiza práticas poéticas bem anteriores a 1674, data de publicação de sua *Arte poética* (1933).

“Gentilhomme François” na entrada do palácio para nunca mais reaparecer. Poderíamos nos perguntar se esses dois personagens não seriam plenamente dispensáveis, considerando as regras da poética clássica, segundo as quais nenhum personagem deve aparecer desligado da trama narrativa sem cumprir uma função clara. A resposta a esta pergunta encontra-se no final da narrativa, que termina em suspensão e explica a não-reaparição dos dois personagens: como o viajante-narrador continuará seu relato no dia seguinte, torna-se possível que os outros personagens ainda venham a ressurgir como narradores de suas próprias descobertas. Este final suspenso, que, além de introduzir uma assimetria narrativa, anuncia um subsequente volume de relatos, encontra-se também em uma viagem imaginária conhecida dos letrados do século XVI e XVII francês, *Das narrativas verdadeiras*, de Luciano de Samósata, que se concluem anunciando uma continuação a qual Luciano nunca escreveu⁵.

Os parágrafos iniciais do livro (1605, p. 1-3), enunciados pelo narrador-editor, introduzem os temas do mundo como comédia, onde “tout est digne de risée” (ao qual voltaremos), do “nouveau monde”, onde “la pluspart du monde ancien” estava buscando fortuna, e dos numerosos e recentes conflitos armados europeus (“les continüels remuemens advenus en l’Europe depuis tant d’annees”), que provocaram a migração de muita gente, entre os quais está “un de nos François”, o narrador-viajante. Para não ver-se obrigado a “tremper ses mains dans le sang des siens”, explica o narrador-editor, ou seja, para escapar às sangrentas guerras civis que opuseram católicos e protestantes, este viajante preferiu correr outros perigos, “se bannissant soy mesme & vivant errant par le monde” até que um novo monarca restabelecesse a paz⁶.

Sem nome nem individualidade, tanto o narrador-editor quanto o narrador-viajante de *L’isle des hermaphrodites* são personagens tipificados, que cumprem funções precisas: o primeiro ouve o relato do viajante, julga-o digno de divulgação e o transforma em livro, transcrevendo-o; o viajante cumpre a função de viajar e de

Utopia, relato de viagem e sátira em L’isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

⁵ Um francês no século XVII, Nicolas d’Ablancourt, escreveu a continuação das *Narrativas verdadeiras*. Sobre o Luciano e o lucianismo na França, no século XVI, ver Lauvergnet-Gagnière, 1988

⁶ Este novo monarca, veremos, é Henrique IV, coroado rei da França em 1594, que proclamou, em 1598, o Editto de Nantes, pondo fim a quase quarenta anos de guerras internas, e a Paz de Vervins, que marcou o término dos conflitos com a Espanha, aspirante ao trono francês.

narrar suas experiências. Ambos se exprimem em primeira pessoa. Eles não têm singularidades, apenas as particularidades de suas funções. A nacionalidade do viajante levaria o leitor da época a aproximar a corte descrita com a corte francesa que a ela mais se assemelhasse, a de Henrique III, conforme a interpretação que consta no diário de Pierre de l'Estoile, alto funcionário da chancelaria de Paris durante os reinados de Henrique III e IV, à qual retornaremos.

O estatuto de viajante do narrador-viajante o coloca na esteira da tradição dos relatos de viagem – que, na literatura escrita, começam com *A epopeia de Gilgamesh* e a *Odisseia* – nos quais um viajante relata o que viu durante sua trajetória. É pelo deslocamento no tempo e/ou no espaço que se chega a um *mundus alter*, seja ele qual for, deslocamento que costuma provocar no viajante uma dupla descoberta, do outro e de si. É bom lembrar, porém, que, diferentemente dos narradores das utopias, os narradores-viajantes da *Epopeia de Gilgamesh* e da *Odisseia* ocupam o centro da narrativa e são personagens bem mais complexos, portadores de uma ética arcaica baseada na *hybris* e na força; nas utopias, o centro narrativo é a descrição do mundo “outro”.

O motivo da viagem é essencial no gênero utópico, que tem seu paradigma na *Utopia* de Thomas Morus. Nesta obra, o narrador viajante, Rafael Hitlodeu, relata suas experiências de viagem, detendo-se na descrição detalhada do país de Utopia, espécie de alegoria, não desprovida de ironia, da Inglaterra de sua época. Ao descrever o país de nenhum lugar, o narrador cria um termo de comparação que levará o leitor a voltar-se para a realidade que conhece. Há algo de paradoxal nessa operação em três tempos, que vai da experiência à literatura, e retorna da literatura ao real: o material ficcional, “irreal”, construído a partir da experiência, provoca a reflexão sobre o mundo “real”, empiricamente existente, podendo mesmo incidir sobre ele. Para Prévost, este termo de comparação especular é um “instrumento crítico paradoxal”, composto de partes iguais de inverossimilhança e senso de realidade (1971; 1978), que dizem respeito à totalidade da vida numa determinada sociedade. Nas utopias que seguem o paradigma narrativo da *Utopia* de Morus, o mundo utópico costuma ser descoberto após o périplo de um viajante solitário, testemunha da alteridade, e é tornado conhecido após seu retorno; a viagem de ida é

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

tão importante quanto a viagem de volta. Conhecer e narrar são as funções do protagonista utópico, que vê e vive e, por isso, poderá testemunhar⁷.

L'isle des hermaphrodites segue o paradigma utópico a seu modo, já que é uma obra em que, como veremos a seguir, a sátira se sobrepõe à utopia. O “lugar inexistente” (ou-topos) descrito nada tem de ideal. Apesar de o livro não trazer a descrição da cidade, visitada pelo piloto, apenas da corte, podemos dizer que há uma descrição visando à totalidade da comunidade hermafrodita, já que são descritas as leis que regulam toda a ilha, e também a posição antagônica a essas leis, expressa no poema e nos dois discursos finais.

O tempo de *L'isle des hermaphrodites* é plural, composto de tempos que se encaixam uns nos outros. Primeiramente, há o tempo do narrador-editor, que introduz e apresenta o viajante e conta o momento em que esteve na casa deste (cuja localização não é indicada) para ouvir, juntamente com outros “amigos e familiares”, seu relato. Encaixada nesse texto está a narração do viajante, em primeira pessoa, na qual está embutido o tempo dos acontecimentos, que se deram em tantos dias quanto durou seu périplo (que não sabemos em quanto tempo se deu). Por fim, na narração do viajante também está embutido o tempo de leitura de quatro documentos transcritos no texto: as leis hermafroditas e os escritos heréticos. Quanto ao tempo da “utopia hermafrodita”, ainda que ela seja satírica, podemos dizer que ele obedece à temporalidade estática que caracteriza os lugares utópicos, sejam eles ilha, cidade ou país: a utopia permanece imóvel no tempo, suspensa, não sujeita a mudanças. A utopia hermafrodita, contudo, ideal apenas para os palacianos, é, do ponto de vista do autor satírico, uma deterioração projetada fora do tempo, uma utopia negativa, que se contrapõe, também neste aspecto, ao mundo empírico, imperfeito e em constante mudança.

2. Sátira

Verdadeira crônica dos reinados de Henrique III e IV, o *Registre-Journal* de Pierre de l'Estoile, já citado, traz informações as mais variadas a respeito dos acontecimentos que dizem respeito à França, a Paris e à corte. L'Estoile coletou

⁷ Sobre a recepção da *Utopia* na França, no século XVI, ver Céard, 1996.

também panfletos, libelos, poemas, canções, boatos e impressões a respeito de uma enorme gama de assuntos, que incluem um comentário sobre *L'isle des hermaphrodites* (datado de 11 de abril de 1605).

Le livre des *Hermaphrodites* fut imprimé et publié en même temps, et se voyait à Paris en ce même mois, où on se fit passer l'envie aux curieux auxquels on le vendit jusques à deux écus, ne devant valoir plus de dix sols, et en sçai un qui en paya autant à un libraire de Paris. Ce petit libelle (qui estoit assez bien fait) sous le nom de cette isle imaginaire, decouvrait les moeurs et façons de faire impies et vicieuses de la cour, faisant voir clairement que la France est maintenant le repaire et l'asyle de tout vice, volupté et impudence; au lieu que jadis elle étoit une académie honorable et seminaire de vertu. Le Roy [Henrique IV] le voulut voir, et se le fit lire; et encore qu'il le trouvât un peu libre et trop hardi, il se contenta néanmoins d'en apprendre le nom de l'auteur qui étoit Artus Thomas⁸, lequel il ne voulut qu'on recherchât, faisant conscience, disoit-il, de fâcher un homme pour avoir dit la vérité (*apud* Dubois, 1996, p. 14).

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

L'Estoile atribui esta obra a Artus Thomas, *sieur* d'Embry, frequentador da corte do último Valois, Henrique III⁹. Ainda que a atribuição tenha sido contestada, esta parece ser a hipótese mais plausível¹⁰. De família nobre, é provável que Artus Thomas tenha tido estreita proximidade tanto com a corte dos Valois quanto do rei de Navarra. Sabe-se que ele foi amigo de Blaise de Vigenère, historiador, tradutor e diplomático que ocupou cargos de importância sob Henrique III e Henrique IV. Depois de 1596, ano da morte de Vigenère, Thomas editou algumas de suas obras e também finalizou algumas traduções deixadas incompletas por seu amigo¹¹.

O trecho acima citado, além de informar sobre a autoria, informa também sobre o gênero literário de *L'isle des hermaphrodites*: ainda que o autor se sirva do modelo narrativo da utopia e do relato de viagem, essa obra é, sobretudo, um libelo

⁸ Sobre o nome do autor, Artus Thomas ou Thomas Artus, ver Long, 2006, p. 215, nota 2.

⁹ Henrique III reinou de 1574 a 1589, data em que foi assassinado. Sobre sua vida, ver Chevallier, 1985; Erlanger, 1948; Sauzet, 1992; Boucher, 1986.

¹⁰ O primeiro a contestar a autoria de *L'isle des Hermaphrodites* é Prosper Marchand, em seu *Dictionnaire historique*. Sobre este problema, ver Dubois, 1996 e Cambi, 2007.

¹¹ Sobre as obras de Artus Thomas e de Blaise de Vigenère, ver Dubois, 1996 e Cioranescu, 1996.

satírico que descreve uma corte dissoluta, composta de hermafroditas “ímpios e viciosos”, retrato de uma França decadente, caracterizada pelo “vício, voluptuosidade e impudência”, que contrasta com a França do passado, “académie honorable” onde germina a virtude. A obra teria sido escrita durante ou logo após o reinado de Henrique III, marcado por vários atos de violência (a noite de São Bartolomeu data de 1872) e teria permanecido engavetada até poder ser lida e difundida sem prejuízo de seu autor. Henrique IV soube o nome do autor, mas não puniu sua sátira por considerá-la “verdadeira”, segundo nos informa L’Estoile – julgamento possivelmente não desprovido de ironia. Além disso, é possível que o monarca tenha inclusive encorajado as várias edições que a obra conheceu, entre 1605 e 1610, e feito delas um uso propagandístico, o que visaria a marcar a diferença entre seu reinado e o de seu predecessor, e a estimular a obtenção do apoio político de *ligueurs* (membros do partido ultracatólico) e huguenotes (os protestantes franceses)¹². É certo que a caricatura extremamente parcial e grotesca do libelo corresponde à imagem de Henrique III e de sua corte propagada tanto pela Liga quanto pelos huguenotes. Essa imagem provocou uma mistificação negativa da figura do último Valois e de sua corte, impedindo um olhar mais objetivo a respeito do legado desse reinado, causando distorções que se difundiram por séculos, mas que a historiografia mais recente se incumbiu de desmistificar, estudando a construção e a proveniência das representações disponíveis¹³.

No final do século XVII, Pierre Bayle, em seu *Dictionnaire historique et critique*, no verbete Salmacis, define *L’isle des hermaphrodites* como “une satire assez ingénieuse de la cour d’Henri III” (1820, p. 66). Essa interpretação será retomada por Godefroy no século seguinte, em sua edição de 1720 do opúsculo em questão e depois reproduzida no *Avis au lecteur* do *Registre-Journal* de L’Étoile, reeditado em 1744 juntamente com *L’isle des hermaphrodites* e outras “obras curiosas”:

Utopia, relato de viagem e sátira em L’isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

¹² É esta a interpretação que Dubois desenvolve em seu artigo de 1987, retomada nos excelentes ensaios críticos às edições francesa (Dubois, 1996) e italiana (Cambi, 2007).

¹³ Sobre isso, ver, por exemplo, Chevallier, 1985; Sauzet, 1992; Cambi 2007.

Monsieur Bayle, dans son Dictionnaire critique, au mot *Salmacis* dit que la Description de l'Isle des Hermaphrodites est une Satire ingénieuse qui fait voir les désordres de la Cour du Roy Henri III.

Cette pièce est fort recherchée de tous les Curieux, parce qu'on y trouve effectivement une description enjouée des minauderies & des manières efféminées des Mignons de ce Roy. Cela fait croire qu'elle a été composée de son temps; cependant elle n'a été imprimée qu'après sa mort, car on a trouvé dans les Mémoires manuscrits sur l'Histoire de France, que cet Ouvrage n'a paru qu'en 1605, qu'on le vendoit à un prix excessif, que le Roy Henri IV se le fit lire, et quoiqu'il le trouvât libre & trop hardi, il ne voulut pourtant pas qu'on en recherchât l'Auteur nommé *Artus Thomas*, faisant conscience, disoit-il, de chagriner un homme pour avoir dit la vérité. (1744, p. i-ii, grifos meus)

O editor desta reedição do *Journal* de L'Etoile, o abade Nicolas Lenglet Dufresnoy, também concorda com L'Estoile, Bayle e Godefroy, retomando termos anteriores e estendendo-se sobre a interpretação da obra:

La *Description de l'isle des hermaphrodites*, par laquelle je commence, est une Satyre très-ingénieuse du Roy Henri III, de ses Favoris & même de ses Ministres. Quoique nous soyons plus éloignés de son Regne que ne l'était Thomas Artus, nous ne laissons pas de déplorer l'aveuglement de se Prince, qui après avoir paru à la Cour, & dans nos Armées avec distinction, s'abandonna sur le Trône, aux excés d'une molle oisiveté, excés mêmes qui seroient condamnables dans une femme. Aussi, l'Auteur ne l'épargne pas; il n'y a gueres de traicts de sa vie sur lesquels Thomas Artus n'exerce uns rigoureuse Satyre (...). (1744, p. iii-iv, grifos meus)

Em 1576, L'Estoile registra os boatos acerca dos “Favorits” acima citados, também conhecidos como *mignons*:

Le nom de mignons commença en ce temps à trotter par la bouche du peuple, auxquels ils étoient fort odieux, tant pour leurs façons de faire qui estoient badines et hautaines, que pour leurs fards et accoustrements efféminés et impudiques, mais surtout pour les dons immenses et libéralités que leur faisoit le roi. (...) Ces beaux mignons portoient leurs cheveux onguets, frisés et refrisés par artifices, remontans par dessus leurs petits bonnets de velours comme font les putains, et leurs fraises de chemises de toile d'atour empezées et longues de demi-pieds de façon qu'à voir leur teste par dessus leur fraize il semblaoit que ce fust le chef saint Jean dans un plat. Le reste de leurs habillements faits de mesme; leurs exercices estoient de jouer, blasphémer, sauter, danser, volter, quereller et paillarder, et suivre le Roy partout et en toutes compagnies, ne faire, ne dire rien que pour lui plaire; peu soucieux en effect de Dieu et de la vertu, se contentans d'estre en la bonne grace de leur maistre, qu'ils craingnoient et honnoroient plus que Dieu. (1963, p. 64)

79

A ambiguidade sexual se revestia, no século XVI, de um sentido simbólico pleno de nuances. Encontramos imagens de seres bissexuados tanto em panegíricos quanto em libelos difamatórios, por isso é preciso analisar, em cada caso, como se dá a construção de sentido a partir de uma imagem ambivalente, para se chegar a um resultado nem sempre unívoco. Em certos casos, torna-se difícil afirmar se a figura hermafrodita representa um elogio ou uma difamação. É este o caso do célebre retrato andrógino de Francisco I, que alguns atribuem a Nicolò dell'Abbate e outros a Nicolò Belin da Modena: para Raymond Waddington, o retrato não representa apenas a glorificação das ações deste rei, aponta também para a impotente neutralidade de Hermafrodita e alude às suas fraquezas; Barbara Meyer parte de uma chave neoplatônica, que vê no andrógino uma alegoria da totalidade. Segundo Kathleen Long,

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

both interpretations hold some value, and should be considered mutually enriching, rather than mutually exclusive. While comparison to the gods is a staple of court poetry, the proliferation of gods and goddesses, and the potential for Rabelaisian slippage into comparisons with less

palatable gods such as Priapus, lend a certain edge to this ephemeral form. And why shouldn't poetry based on the hermaphrodite be strangely dualistic in nature, offering conflicting possibilities in the same representation, dualities that cannot be made to conform to merely one sex, or even to the general schema of sexual difference? If there is a hermaphroditic rhetoric or poetics, it would be precisely this duality remaining in constant tension with itself, offering at one and the same time, "either/or", "neither/both." (2006, p. 199).

L'isle des hermaphrodites joga com a ambivalência de sentidos que permite ver em uma mesma figura uma metáfora de um ser completo (expressa no *Banquete platônico*) e/ou de um híbrido constituído de metades inconciliáveis (conforme o mito de Hermafrodita e Salmacis narrado por Ovídio nas *Metamorfoses*)¹⁴.

O recurso à forma literária da utopia também traz ambiguidade: vimos que *L'isle des hermaphrodites* segue o paradigma literário da *Utopia* de Thomas Morus e dos relatos de viagens, textos que anunciam um alhures ou-tópico, normalmente representado como eu-tópico, ou que carrega essa possibilidade. O autor do libelo opera um deslocamento de sentido típico da sátira quando anuncia a ilha "nouvellement découverte", "fertile et florissante", criando uma expectativa no leitor, a qual se desfaz à medida em que lê a obra, pois essa mesma ilha se revela inquietante: ela é instável (flutuante), governada por um rei sem majestade, por hermafroditas mais monstruosos do que divinos e por leis que criam um mundo às avessas, onde a voluptuosidade é considerada santidade, a covardia, uma característica das pessoas valorosas, a vaidade, o sinal do conhecimento de si, a insolência, gentileza e a hipocrisia é o ideal dos hermafroditas. Este "contraste entre essência e fenômeno", definidor da sátira, segundo Hegel (*apud* Lukács, 2009, p. 163), resulta na consciência da verdade. Ele é frequente na sátira de tradição latina, de cunho moralizador, que segue o preceito horaciano do "dizer a verdade rindo" (*ridentem dicere verum*), afinal, *solventur risu tabulae*, o riso destrói as barreiras da conveniência e do hábito e revela o que se esconde por trás das aparências. *L'isle des*

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

¹⁴ Sobre isso, ver Cambi, 1997 e 2007, p. 152.

hermaphrodites se filia a Juvenal, Varrão, Sêneca e Petrônio e, na França, a Rabelais, D’Aubigné, Ronsard e tantos outros¹⁵.

A localização do libelo em apreço entre as obras de propaganda política contra Henrique III, conforme vimos, bem como uma análise das implicações simbólicas do termo hermafrodita e das transgressões sexuais no século XVII desfazem um tanto da ambiguidade dessa obra e reforçam a interpretação que vê nestes hermafroditas uma representação insultuosa. Os ataques de teor sexual contra a coroa francesa datam do ano seguinte à ascensão ao trono de Henrique III. Sua mãe, a florentina Catarina de Medicis¹⁶, cujo peso político era considerável, também foi alvo nos libelos. Seus inimigos a alcunharam de Semíramis, nome da mãe de Heliogábalo, imperador romano, que aparece em *L’isle des hermaphrodites* como “Imperator Varius, Heliogabalus, Hermaphroditicus, Gomorricus, Eunuchus, sempre impudicissimus”, autor das leis. Também foi chamada de “Varia”, “a inconstante”, de *virago* (“que age como homem”), *gallina* que reina sobre os galos (franceses), Cibele, que castra os heróis franceses – só para citar alguns exemplos reportados no *Registre-Journal* de L’Estoile¹⁷. Vários panfletos apontavam a virilidade de Catarina e a feminilidade de seu filho, “Roy femme” e “homme Reyne”, associando-os também a Nero e Agripina¹⁸. Long mostra como essa propaganda política é derivada das representações da sexualidade nas *Histoires prodigieuses* de Claude Tesserand e Pierre Boaistuau, literatura popular muito lida durante o século XVI e que serviu de “matrix for political uses of monstrosity and sexuality” (2006, p. 191). Numa sociedade cujos papéis sexuais eram muito definidos, a inversão de funções se associava facilmente à ideia de desestabilização da ordem social e a passividade sexual, como na Roma imperial, denotava “servitude, a lowering of personal status and power” (Long, 2006, p. 206). Além disso, a figura negativa do hermafrodita provia tanto ultracatólicos quanto calvinistas de uma conveniente alegoria da

Utopia, relato de viagem e sátira em L’isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

¹⁵ Sobre as sátiras francesas, ver Fleuret, 1922 e Lenient, 1877.

¹⁶ Catarina de Medicis era filha de Lourenço II (a quem Maquiavel dedicou *O príncipe*), sobrinha do papa Clemente VII (Júlio de Medicis), que arranhou seu casamento com Henrique II, rei da França, mãe de três reis (Francisco II, Carlos IX e Henrique III) e regente de maio a setembro de 1574 (da morte de Carlos IX ao retorno de Henrique III da Polônia).

¹⁷ Recolhidos por Long, 2006, p. 189-213.

¹⁸ As referências culturais antigas em *L’isle des hermaphrodites* foram estudadas por Dubois em um artigo de 1998.

desordem social advinda das guerras entre católicos e huguenotes e dos conflitos entre os diferentes partidos políticos.¹⁹

3. *L'isle des hermaphrodites* e Petrônio

Um dos modos pelo qual Artus Thomas constrói uma imagem depreciativa dos cortesãos hermafroditas é associando-os a figuras da Antiguidade greco-latina, conhecidas por suas *légendes noires*, difundidas por uma historiografia marcada pela parcialidade política. Políticos, personagens, mitológicos ou não, e escritores, aos quais se associam práticas homossexuais, prazeres provocados pelos sentidos, tirania, violência e/ou ausência de sentimento religioso contribuem para criar um mundo às avessas. Além dos já citados Heliogábalo e Nero, são citados Adriano, Antínoo, Sardanápalo, Galeno, Apício, entre outros; da mitologia, Ganimedes e Acteão, por exemplo; entre os escritores apreciados pelos hermafroditas, estão Aristófanes, Catulo, Tibério, Propércio, Anacreonte e Petrônio. Investigaremos aqui as alusões a Petrônio, atentando para o modo como ele é citado e cotejando alguns trechos do *Satíricon* e de *L'isle des hermaphrodites*, de temática semelhante.

A primeira referência a Petrônio em *L'isle des hermaphrodites* é indireta e encontra-se na epígrafe:

Le monde est un bouffon, l'homme une comédie,
L'un porte la marotte, & l'autre est la folie. (1605, p. 1)

Segundo Prosper Marchand, em seu *Dictionnaire historique* (1758-1759), trata-se de uma referência a um fragmento de Petrônio:

Totus fere mundus mimum videtur implere. Constat inter nos quod fere totus mundus exercent histrionem (*Fragmenta*, 673).

¹⁹ Para um estudo de todas as nuances relacionadas às diferentes práticas sociais e ao vocabulário usado para designá-las ver Long, 2006.

Quase todo mundo parece representar um papel. Sabemos que quase todo mundo age como histrião²⁰.

A tópica do mundo louco (morocosmia), desregrado, decadente, falso e instável está presente em muitas obras reformistas e contrarreformistas²¹. Está presente também na literatura de Tito Petrônio Árbítro e nos fragmentos supérstites de seu *Satíricon*, escrito entre 62 e 64 d.C. Além do fragmento acima, há uma alusão ao célebre episódio do banquete de Trimalquião:

Durant tout cecy, il vint un grand nombre de suyvans, parmy lesquels je me meslay, afin d'entrer en toute assurance & liberté, au lieu où ils alloient (encore que ce ne fust point la chãbre deffenduë); mais auparavãt que d'entrer ils envoyèrent querir quelques uns, qui chantoient des mieux, & quelques joüeurs de Luth, lesquels commencerent à joüer & chanter un air, le sujet des paroles duquel me sembloit avoir ouy-dire autresfois estre dans Petronius, aux amours de Trimalcion (...). (1605, 29-30)

83

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

No trecho acima, lemos sobre a descoberta do interior do palácio por parte do narrador-viajante. Um momento antes ele encontrava-se num quarto, onde acabara de assistir a um verdadeiro ritual cujo objetivo era despertar um hermafrodita e embelezá-lo, por meio de complicados procedimentos. O narrador-viajante se encaminha, em meio a um grupo de domésticos, para o quarto de outro hermafrodita. Antes de entrar, os criados mandam chamar “alguns tocadores de alaúde, os quais começaram a cantar e a tocar uma canção cuja letra em algum momento me parecia ter ouvido dizer estarem em Petrônio, nos amores de Trimalquião”.

Trimalquião é o personagem de um dos mais célebres episódios do *Satíricon*. Vale lembrar que esta obra chegou até nós incompleta, mas o episódio do banquete de Trimalquião parece ser uma constante em praticamente todos os fragmentos encontrados. Na França, foi traduzido várias vezes no decorrer do século XVI

²⁰ Em *A vida de Nun'Álvares*, Oliveira Martins retoma a ideia contida no fragmento petroniano: “Felizmente, a humanidade não se compõem só de histriões; embora nela predominem... os que tomam a vida como uma comédia” (*apud* Ferreira, verbete Histrião).

²¹ Montaigne retoma a fórmula nos seus *Ensaïos*, 3.10: *Mundus universus exercet histriorem* (O mundo inteiro representa um papel). Mas, continua ele, o homem não é capaz de interpretar essa representação, já que “nous ne savons pas distinguer la peau de la chemise”.

francês. Algumas das traduções mais conhecidas são a de Jean de Tournes, publicada no ano de 1575, em Lyon, e a de Pierre Pithou, publicada em 1577, em Paris, que, por sua vez, basearam-se na tradução do médico húngaro Zambuck (que latinizou seu nome para Sambucus), publicada em 1564, em Viena (cf. Dubois, 1998, p. 143)²².

A alusão ao *Satíricon* é vaga e imprecisa, mas os paralelos que se pode estabelecer entre esta obra e o libelo de Artus Thomas são substanciais. Não se encontram, no episódio do banquete, as letras das canções cantadas; há, porém, espetáculos, inclusive musicais, pontuados por declamações de versos e leituras de “bilhetinhos da sorte” (Petrônio, 2008, p. 76), contendo jogos de palavras de duplo sentido. Talvez os “amours de Trimalcion” refiram-se às práticas bissexuais de Trimalquião, escravo liberto meridional do império romano que ascendeu socialmente graças ao comércio. Vejamos como é narrada sua primeira aparição aos convivas:

Estávamos nesse luxo todo quando Trimalquião em pessoa foi trazido ao som de música e, acomodado entre pequenos travesseiros, arrancou risos aos menos avisados. De fato, do manto escarlate escapava a cabeça raspada, e ao redor do pescoço tolhido pela roupa estava um guardanapo de largas bordas de púrpura, com franjas pendentes de um lado e de outro. No dedo mínimo da mão esquerda, havia ainda um grande anel dourado; na falange maior do dedo seguinte também havia, todo de ouro – é o que me parecia –, um anel menor, mas inteirinho incrustado com algo como estrelas de ferro. E para não mostrar apenas essas riquezas, descobriu o braço direito, adornado por um bracelete de ouro e uma braçadeira de marfim fechada por uma lâmina brilhante. Em seguida, Trimalquião limpou os dentes com uma pena de prata. (Petrônio, 2008, p. 48).

O cuidado em dizer, por meio da aparência, o quanto é rico, indica ser Trimalquião um novo rico, não nobre. De fato, ele conta que foi trazido da Ásia como escravo, quando ainda não tinha barba no rosto. Foi “a delícia” de seu “patrão

²² Além disso, informa Dubois (1998, p. 143), o texto de Petrônio foi copiado à mão por Joseph Scaliger (1531-1584) e está conservado no manuscrito *Scaligeranus 61* da Biblioteca Universitária de Leyde. A fonte desta cópia foi provavelmente um documento de propriedade de Cujas (1522-1590), além de outros, desaparecidos. Para um estudo da fortuna de Petrônio na França, ver Collignon, 1905.

durante quatorze anos”, satisfazendo também sua patroa. Porque seu patrão, que Trimalquião chama de “cabeça-oca”, não teve filhos, fez de seu escravo seu único herdeiro, transmitindo-lhe “um patrimônio digno de um senador” (2008, p. 103-104). Nosso personagem tornou-se comerciante e, graças à ajuda de Fortunata, sua esposa, e de um lance da sorte, teve lucros astronômicos exportando, por mar, vinho, toucinho, fava, perfume de Cápua e escravos. Com os ganhos, comprou todas as terras de seu patrão, construiu um palacete, comprou mercados de escravos e animais de carga. Por fim, começou a emprestar dinheiro para os libertos.

Trimalquião é, portanto, um personagem marcado pela mobilidade social. Sua condição inicial é degradante, inclusive pela função sexual passiva que ele provavelmente era obrigado a assumir na relação com seu patrão, de acordo com as convenções romanas da época. Passividade, conforme os códigos sociais tanto da Roma imperial, quanto da França do século XVI, denotava servidão e rebaixamento social. Trazer o personagem Trimalquião implicava então em estabelecer uma comparação e uma equivalência entre ele e os hermafroditas. Essa comparação também se dá pela menção à mobilidade social. Todos os convivas do banquete são *parvenus* libertos meridionais que conversam, durante grande parte do banquete, a respeito dos revezes da fortuna e da instabilidade da vida²³. A mobilidade social também é possível na ilha dos hermafroditas, com uma diferença: qualquer um pode tornar-se um hermafrodita, desde que se comporte de acordo com o prescrito. Ou seja, na ilha, não é o acaso, mas o cálculo a possibilitar a mudança de status social. Esse cálculo é um procedimento que envolve um raciocínio maquiavélico, emblematizado na principal característica dos hermafroditas: a dissimulação.

A dissimulação está presente de diversas formas no banquete de Trimalquião, sendo particularmente evidente na ambiguidade dos jogos de palavras²⁴ e dos espetáculos, inclusive gastronômicos, que examinaremos aqui.

Tanto no banquete descrito por Petrônio quanto nos banquetes hermafroditas, os alimentos parecem uma coisa e são outra. No primeiro, a entrada foi servida em várias travessas: na primeira, via-se um burrico de bronze carregado de azeitonas

²³ Para uma análise do banquete de Trimalquião, ver “Fortunata”, ensaio de Auerbach (1976).

²⁴ Até hoje os estudiosos tentam, em vão compreender o que estes jogos de palavras, de tradução difícilíssima, querem dizer (ver Petrônio, 2008, p. 76).

verdes e pretas; na segunda e na terceira, de prata, onde se lia o nome de Trimalquião e o peso da prata, esquilos temperados com mel e papoula; salsichões fumegavam sobre uma grelha de prata, aquecida por ameixas sírias e grãos de romã, que imitavam carvão em brasa. O travestismo dos alimentos se torna mais evidente à medida que os pratos se sucedem. A segunda etapa do jantar é apresentada numa bandeja, na qual havia um cesto forrado com palha, em cima da qual estava uma galinha de madeira com as asas abertas “em concha, que nem galinhas chocas” (p. 48). Ela chocava ovos de pavão, “falsos, feitos de massa podre” (p. 49). Mais adiante, do flanco de um javali “adornado com um barrete de liberto” (p. 56), violentamente golpeado por um escravo vestido de caçador, saem voando tordos, que foram imediatamente capturados por “passarinheiros armados de varinhas com visgo” (p. 57). Depois, um cozinheiro levou ao triclinio um porco assado. Trimalquião, notando que o porco não havia sido destripado, pediu satisfação ao cozinheiro, que respondeu ter se esquecido de destripar o animal, causando a ira de seu patrão. “Sem demora, o cozinheiro foi despojado das vestes e, com ar desanimado, ficou entre dois carrascos.” (p. 68). Os convidados, compadecidos, pediram pelo escravo até que Trimalquião ordenou ao escravo que destripasse o porco ali, na frente de todos. E então todos entenderam tratar-se de uma farsa:

Tendo novamente vestido sua túnica, o escravo agarrou um punhal e, de mão trêmula, cortou aqui e ali o ventre do porco. Sem demora, dos cortes que iam se alargando, graças à curvatura formada pelo peso, derramaram-se salsichas e chouriços. Os escravos, então, o aplaudiram espontaneamente, gritando em coro: - Viva Gaió! Além disso, o cozinheiro foi homenageado com um brinde e também com uma coroa de prata. (p. 69).

Há mais exemplos de travestismo de alimentos, aos quais se somam ainda outros tipos de travestismo, como os já citados jogos de palavras, cujo cerne são as expressões de duplo sentido, carregadas do que poderíamos chamar de um travestismo de ideias e sentidos.

Petrônio aponta para alimentos e palavras que parecem algo que não são, ou que são, ao mesmo tempo, uma coisa e outra, ou nem uma coisa nem outra, como o

bronze de Corinto, que contêm “de tudo um pouco, nem uma coisa, nem outra” (p. 70)²⁵, com o qual foram feitas algumas peças, que Trimalquião se orgulha de ser o único a possuir.

Toda essas farsas remetem à citação de Petrônio: tudo no mundo é encenação, falsidade, disfarce. Em *L'isle des hermaphrodites*, esse tema será retomado e usado na composição dos personagens e de tudo o que diz respeito à sua vida (é o que anuncia o fragmento petroniano colocado em epígrafe, à guisa de mote).

A vida dos habitantes da ilha dos hermafroditas caracteriza-se por uma excessiva preocupação com a aparência pessoal e com o aparato social, marcados pela ocultação, pela dissimulação e pela ritualização. Artus Thomas descreve uma sociedade cuja vida em seu todo – da aparência física individual ao aspecto dos objetos e às leis – se baseia em artifícios, já que nada é deixado em seu estado natural. Empregam-se as mais variadas técnicas para alterar a aparência física e incrementar tudo o que é percebido pelos sentidos. Exemplifica este procedimento o aspecto das comidas servidas em um banquete do qual o viajante-narrador é convidado a participar. Vejamos alguns exemplos²⁶:

De l'autre costé de cette table, il y avoit une grande corbeille, & dans icelle plusieurs sortes de pain: l'un faict, comme ils disoyent, de paste levee, l'autre de paste broyée, un autre avec de la levure; l'un estoit mollet, boursoufflé et salé, l'autre tout plat, et sans sel; l'un estoit rond, l'autre long; un autre faict à cornes, l'un plus petit, l'autre un peu plus grosset. En fin il y en avoit de tous aages, & de toutes especes. Ils estoient seulement semblables en une chose, c'est que pas un n'avoit sa robe naturelle, car on les avoit tellement chappellez qu'il n'y restoit plus qu'une petite crouste fort desliée. (1605, p. 150)

Utopia, relato de viagem e sátira em L'isle des hermaphrodites (Paris, 1605)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

²⁵ Eis a história dos bronzes de Corinto, contada por Trimalquião a Agamêmnon: “Quando Troia caiu, Aníbal, macaco velho, malandro de marca maior, juntou numa só fogueira tudo quanto era estátua de bronze, de outro e de prata, e botou fogo nelas; então, elas viraram uma coisa só, um bronze misturado. Os artesãos pegaram essa massa e fizeram pratinhos, travessas e estatuetas. Foi assim que surgiu o bronze de Corinto, de tudo um pouco, nem uma coisa, nem outra.” (p. 69-70).

²⁶ Os grifos dos exemplos são todos meus.

La nappe estoit d'un linge fort mignonement damassé; mais d'autant qu'en ce pays là les choses qui sont en leur naturel, quelque degré de perfection qu'elles puissent avoir acquis, ne leur sont point agreables si elles ne sont desguisées, elle avoit esté ployée d'une certaine façon que cela ressembloit fort à quelque riviere ondoyante qu'un petit vent faict doucement souslever. Car parmy plusieurs petits plis, on y voyoit force bouillons.

Dessous ceste nappe-cy il y en avoit encore une, toute unie, qui estoit plus courte que celle de dessus. Ceste table estoit bordée d'assiettes des deux costez, excepté vers le haut bout où il y avoit un grand vuide ce sembloit, ce qui n'estoit pas toutesfois, ainsi que je peux voir par apres, mais c'estoit une petite nappe ployée d'une autre façon encore plus mignonement que la precedente, qui faisoit que de premier abord on iugeoit qu'il n'y avoit rien dessous. (p. 151-152)

Les autres serviettes qui estoient à l'entour de la table estoient desguisées en plusieurs sortes de fruicts, & d'oyseaux: & comme je m'amusois à considerer ceste industrie (non sans admiration de la perte du temps que l'on faisoit à l'exercice d'une chose si vaine) (...). (p. 152)

Aussi tost que ceste premiere nappe fut ostee, un gentil-homme servant vint poser les plats, tous couverts, sur ceste table, de sorte qu'elle estoit toute chergée de viandes, sans qu'on sçeut ce qu'il y avoit. (p. 153)

Les viandes de ce premier service estoient si fort hachées, descoupées, & desguisées, qu'elles en estoient incogneuës, cela fut cause que je m'arrestay plustot en la consideration des actions qu'à particulariser la nature des viandes: aussi apportoint-ils bien autant de façon pour manger, comme en tout le reste. Car premierement ils ne touchoient jamais la viande avec les mains: mais avec des fourchettes ils la portoient iusques dans leur bouche en allongeât le col, & le corps sur leur assiette, laquelle on leur changeoit fort souvent, leur pain mesme estoit tout destranché, sans qu'ils eussent la peine de le couper, et croy qu'ils eussent fort désiré qu'on eust trouvé une invention qu'on n'eust point

doresnavant la peine de mascher. Car à ce que j'en pouvois voir, cela les travailloit fort, aussi que beaucoup d'entre eux avoient des dents artificielles, qu'ils avoient ostées devant que se mettre à table. (p. 158-159)

Après cecy on apporta le fruit, mais c'estoit de ce qu'il y avoit de moins en son naturel, car il estoit presque tout desguisé en tartinages, confitures liquides, & autres inventions: car ils disent qu'il est fort prejudiciable à la santé quand on le mange ainsi qu'il vient de dessus l'arbre. (p. 162-163)

A semelhança entre a dissimulação das comidas dos banquetes de Trimalquião e dos hermafroditas é evidente e nos leva a colocar uma questão à qual já começamos a responder: Que sentido o episódio de Trimalquião adquire ao ser revivido e de certa forma reescrito em 1605, no libreto parisiense? A aproximação entre o ambiente decadente de Trimalquião, um escravo liberto enriquecido, e o objeto da sátira dos hermafroditas, a corte de Henrique III, nobre, sugere que o autor do libelo francês tenha buscado atacar a legitimidade do reinado do último Valois, representando-o nas vestes de um rei hermafrodita que passa a maior parte de seu tempo manipulando sua aparência e em cuja corte se admitem *parvenus*. Tudo isso levaria o leitor do libelo a desautorizar o poder e prestígio deste rei.

A dissimulação e a instabilidade são figuras presentes em toda a trama de *L'isle des hermaphrodites*. Neste artigo, introduzimos este problema e nos concentramos na forma como a dissimulação é apresentada nos episódios que se referem ao banquete de Trimalquião. A questão, porém, é ampla e diz respeito ao jogo de forças políticas que opunha os diferentes partidos franceses e o rei – tema que desenvolveremos na introdução à tradução de *L'isle de hermaphrodites*, que está em preparação.

Referências

[Anônimo]. *Les hermaphrodites ou L'isle des hermaphrodites nouvellement découverte, avec les moeurs, loix, coustume et ordonnances des habitans d'icelle*. s.l.n.d. [Paris, 1605].

AUERBACH, Erich. "Fortunata". In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1946.

BAYLE, Pierre. *Dictionnaire historique et critique*. Nouvelle edition aqugmentée de notes extradites de Chauffepié, Joly... Paris: Desoer, 1820, 16 vol.

BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas. *Le lutrin. L'art poétique*, avec une notice bibliographique etc par René D'Hermies. Paris: Larousse, 1933.

BOUCHER, Jaqueline. *La cour d'Henri III*. Rennes: Ouest-France, 1986.

CÉARD, Jean. La fortune de l'*Utopie* de Thomas More em France ao XVI^e siècle. In: *La fortuna dell'Utopia di Thomas More nel dibattito politico europeo del '500*. II Giornata Luigi Firpo. 2 marzo 1995. Firenze: Olschki, 1996.

CHEVALLIER, Pierre. *Henri III, roi shakespearien*. Paris: Fayard, 1985.

COLLIGNON, Albert. *Pétrone en France*. Paris: Albert Fontemoing, 1905.

DUBOIS, Claude-Gilbert. Introduction. In: *L'isle des hermaphrodites*. Édition, introduction et notes par Claude-Gilbert Dubois. Genève: Droz, 1996.

CAMBI, Maurizio. "Storia e Utopia nel Primo Seicento Francese", in: Fortunati, Vita (org.). *Vite di Utopia*. Ravenna: Longo Editore, 1997.

CAMBI, Maurizio. Gli incofessabili segreti della corte del re Hermaphroditus. In: [Anônimo] *L'isola degli Ermafroditi*. Traduzione e note di Marco Russo. Genova: Il Melangolo, 2007.

CIORANESCU, Alexandre. *Bibliographie de la littérature française du dix-septième siècle*, t. III. Paris: Éd. du CNRS, 1996.

DUBOIS, Claude-Gilbert. Les références culturelles antiques dans *L'île des Hermaphrodites (circa 1605)*. *Euphrosyne* 26, 1998.

ERLANGER, Philippe. *Henri III*. Paris: Gallimard, 1948.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. revista e aumentada Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLEURET, Ferdinand et PERCEAU, Louis (orgs.). *Les satires françaises du XVI^e siècle*. Recueillies et publiées avec une préface, des notices et um glossaire. Paris: Garnier, 1922.

FORTUNATI, Vita. “Scrittura di viaggio e scrittura utopica tra realtà e finzione”. In: *Viaggi in utopia*. Ravenna: Longo, 1993.

L’ETOILE, Pierre de. *Journal de Henri III, roi de France et de Pologne ou Mémoires pour servir à l’histoire de France*. Nouvelle édition accompagnée de remarques historiques & des pièces manuscrites les plus curieuses de ce règne. Tome IV. La Haye: Chez Pierre Gosse, 1744.

L’ESTOILE, Pierre de. *Journal d’Henri III*. Paris: Le Livre Club du Livraire, 1963.

LENIENT, C. *La satire en France ou La littérature militante au XVI^e siècle*.

Nouvelle éd. revue, corrigée et augmentée. Paris: Hachette, 1877.

LONG, Kathleen P. *Hermaphrodites in Renaissance Europe*. England/USA:

Ashgate, 2006.

LUCIANO. *Uma história verídica*. Edição bilíngue. Prefácio, tradução e notas de Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, [1976?].

LUKÁCS, György. “A questão da sátira”. In: *Arte e sociedade. Escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARCHAND, Prosper. *Dictionnaire historique, ou Mémoires critiques et littéraires, concernant la vie et les ouvrages de divers personnages distingués particulièrement dans la République des Lettres*, vol I. La Haye: P. de Hondt, 1758.

MINERVA, N. “Viaggi in utopia. Note su alcuni romanzi dei secoli XVII e XVIII”.

In: *Utopia e... amici e nemici del genere utopico nella letteratura francese*. Ravenna: Longo, 1995.

MINERVA, Nadia. “Il viaggio in utopia e la letteratura di viaggio”. In: *Dall’utopia al’utopismo*. Percorsi tematici. A cura di Vita Fortunati, Raymond Trousson, Adriana Corrado. Napoli: CUEN, 2003.

OVIDE. *Les métamorphoses*. Traduction nouvelle avec introduction et notes par J. Chamonard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1936.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Apresentação de Raymond Queneau. Tradução e posfácio de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PRÉVOST, André. “L’utopie comme genre littéraire”. In: *Moreana*, n. 31-32, nov. 1971, p. 161-168.

PRÉVOST, André. Présentation, texte original, apparat critique, exegèsem traduction et notes. In: MORE, T. *L’Utopie*. Paris: Mame, 1978.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “A Ilha dos Hermafroditas”. *Viagem à França especular de Henrique III*. Dissertação de mestrado orientada por Carlos Eduardo Ornelas Berriel, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do DTL/IEL/UNICAMP em 02/02/2005.

SAUZET, Robert (org.). *Henri III et son temps*. Paris: Vrin, 1992.

Recebido em 23 de maio de 2012.

Aprovado em 25 de junho de 2012.

92

*Utopia, relato de
viagem e sátira
em L’isle des
hermaphrodites
(Paris, 1605)*

Ana Cláudia
Romano Ribeiro